

A tradição do *haiku* na Comunidade Yuba

(The tradition of the haiku in Yuba Community)

Michela Mitiko Kato Meneses de Souza¹, Kelcilene Grácia-Rodrigues²

^{1,2}Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL)

michelamitikokato@gmail.com, kelcilenegracia@uol.com.br

Abstract: This article has as goal to introduce and to describe the literary manifestation of *haiku*, by adopting the *in locus* observation, and focusing on the creation process and socialization in the Yuba Community, located in the Mirandópolis Municipal district (SP), 600km from São Paulo. We base this study on what is postulated by Octávio Paz (1980; 1991), Masuda Goga (1998), Massao Ohno (2008), Teiiti Suzuki (1996), Paulo Franchetti (1996) and Teruko Oda (1993).

Keywords: culture; poetic gender; tradition; production and socialization.

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar e descrever, a partir da observação *in locu*, a manifestação literária do *haiku*, focando o processo de criação e de socialização, na Comunidade Yuba, localizada no município de Mirandópolis (SP), a 600 km de São Paulo. Para tanto, embasaremos este estudo nos postulados, entre outros, de Octávio Paz (1980; 1991), Masuda Goga (1998), Massao Ohno (2008), Teiiti Suzuki (1996), Paulo Franchetti (1996) e Teruko Oda (1993).

Palavras-chave: cultura; gênero poético; tradição; produção e socialização.

A forma poética do *haiku* foi desenvolvida intensamente no período Genroku, da Época Edo, e ganha contornos espontâneos e populares com Matsuo Bashô, no século XVII. Com a vinda dos japoneses para o Brasil, em 1908, o *haiku* é a maneira encontrada por esses imigrantes para expressarem seus sentimentos por estarem distantes do país de origem e de valorizarem a beleza da terra que os acolheu. É o que acontece na Comunidade Yuba, que mantém nos seus traços culturais a permanência do *haiku*.¹ Para delinear os procedimentos empregados pelos escritores Yuba na criação do *haiku*, dividimos o presente artigo² em quatro seções. Na primeira, tratamos, sinteticamente, sobre o surgimento da literatura japonesa e, em especial, sobre o gênero poético *haiku*. Na segunda, mostramos como o *haiku* chega ao Brasil. Na terceira, apresentamos a Comunidade Yuba e a tradição do *haiku*. Na quarta, evidenciamos como se dá o processo de criação e socialização dos *haikus* na Comunidade Yuba.

A literatura japonesa e os contornos estéticos do *haiku*

Octavio Paz (1980, p. 13) diz que é

[...] lugar comum dizer que a primeira impressão que produz qualquer contato, ainda que o mais distraído e casual, com a cultura do Japão é a estranheza [...] este sentimento não

¹ Esta manifestação literária tem mais de uma denominação e as mais usuais são: *haikai*, *hai-kai*, *hai-cai*, *haiku*, *hokku*, etc. Assumimos a nomenclatura *haiku*, pois é a usada no *locus* da pesquisa pelos membros da Comunidade Yuba.

² Esclarecemos que este artigo fornece dados parciais de uma pesquisa, ainda em fase inicial, sobre a manifestação literária do *haiku* na Comunidade Yuba.

provém tanto de nos sentirmos diante de um mundo diferente quanto de nos darmos conta de que estamos diante de um universo auto-suficiente e fechado sobre si mesmo. [...] o Japão vive de sua própria substância.

É conhecido que a cultura japonesa advém de outras culturas estrangeiras. A escrita ideográfica, por exemplo, é originária dos chineses, mas os japoneses encontraram uma forma que combina a escrita fonética com a ideográfica. De acordo com Eico Suzuki (1979, p. 9),

Essa literatura adquire características próprias com a criação do alfabeto fonético no século oitavo. Como nem sempre as coisas pedidas emprestadas ao vizinho têm cem por cento de utilidade, os ideogramas, chegados no terceiro século, não expressam tudo numa língua completamente diferente. Porque se é monossilábico o idioma chinês, o japonês não o é, de origem ainda não esclarecida.

A literatura japonesa, por sua vez, “[...] se desenvolve graças ao Pai da Cultura Japonesa, o príncipe Shôtoku – 572-621 – que incentiva a importação, junto com o Budismo, da cultura do continente asiático” (E. SUZUKI, 1979, p. 9).

Dentre todas as conquistas do Japão, conforme postula Paz (1980), a literatura é o exemplo de amadurecimento. Nessa perspectiva, a Literatura é o gênero exemplar do triunfo de como os elementos próprios sobrepuseram aos modelos estrangeiros. Por exemplo, segundo Paz (1980), a poesia japonesa, apesar da influência chinesa, jamais perdeu suas características essenciais. Paz afirma que:

[...] Todo poema japonês está composto por versos de sete e cinco sílabas. A forma clássica consiste em um poema curto-waka ou tanka - de trinta e uma sílabas, dividido em duas estrofes: a primeira de três versos (5,7,5 sílabas) e a segunda de dois (ambos de 7 sílabas). A própria estrutura do poema permitiu, desde o princípio, que dois poetas participassem na criação de um poema: um escrevia as três primeiras linhas e o outro as duas últimas. Logo, em lugar de um só poema, começaram a escrever séries inteiras, ligados tenuemente pelo tema da estação. Estas séries de poemas em cadeia foram chamadas renga ou renku. O gênero leve, cômico ou epigramático foi chamado de renga hai-kai e o poema inicial, hokku. [...] O poema solto, desprendido do *renga hai-kai*, começou a ser chamado *haiku*, palavra composta de haikai e hokku. Um haiku é um poema de 17 sílabas e três versos: 5, 7 e 5. (1980, p. 15-16)

Segundo Teiiti Suzuki (1996, p. 11, grifos no original), durante o século XIX, “[...] o termo *hokku* é substituído por *haiku*, neologismo criado por Masaoka Shiki – poeta e crítico renovador do gênero – por aglutinação de **haikai** renga com **hokku**”.³

Eico Suzuki (1979, p. 10) diz que a “literatura clássica floresce entre o meado da era Nara – 645-794 d.C. – e a segunda metade da de Muromati – 1338-1568”. De acordo com Franchetti (1996), a floração do *haikai*, assim como o aparecimento dos mestres dessa forma, surge no Japão no século XVII, situada entre os anos de 1615 e 1868, no período Genrôku, na era Edo. Entre os representantes do *haiku*, o mais conhecido e popular foi Matsuo Bashô.

Matsuo Bashô nasceu em 1644, na cidade de Ueno, e faleceu em 1694; seu corpo foi enterrado no jardim de templo Yoshinaka-Dera, à beira do lago Biwa. “[...] conheceu

³ Um estudo completo sobre a evolução e transformação do *haiku* pode ser encontrado em Frédéric (2008).

em seu lar o rigor do guerreiro e a austera orientação dos antigos costumes. [...] O poeta estudou humanidades e depois refugiou-se na doutrina do zen-budismo” (SAVARY, 1980, p. 33-34). Quando jovem “[...] Bashô é pajem dum senhor feudal. Torna-se sacerdote e poeta para viver de viagens e morrer numa delas [...]” (E. SUZUKI, 1979, p. 47).

É Bashô que consolida o *haiku* como “[...] uma poética genuína” (T. SUZUKI, 1996, p. 11). Porém, segundo Paz, Bashô

[...] não inventou esta forma. Tampouco a alterou. Simplesmente transformou seu sentido. Quando começou a escrever, a poesia tinha se convertido num passatempo: poema queria dizer poesia cômica, epigrama ou jogo de sociedade. Bashô recolhe esta nova linguagem coloquial e com ela busca o mesmo que os antigos: o instante poético. O haiku converte-se na anotação rápida, verdadeira recriação, de um momento privilegiado: exclamação poética, caligrafia, pintura e escola de meditação, tudo junto. [...] Sua própria brevidade obriga o poeta a significar muito dizendo o mínimo. (1980, p. 16)

Para Franchetti (1996, p. 18), Bashô não foi apenas um dos melhores de sua época, pois

[...] a real dimensão de Bashô não se revela na análise de seus poemas, pois reside em grande parte na influência de sua concepção de vida e de poesia - ou melhor dizendo, de vida de poesia. [...] Bashô voluntariamente deixou de exercer atividade remunerada como crítico e instrutor, recusou-se a escrever tratados, optou por uma vida de pobreza e recolhimento e, apesar disso (ou justamente por isso), sempre teve grande número de seguidores e exerceu a mais profunda influência sobre o desenvolvimento posterior da arte a que se consagrou.

Sobre as transformações feitas por Bashô, Franchetti (1996, p. 25) afirma:

[e]m vários sentidos, o *haikai* de Bashô é uma arte ascética, ou melhor, uma arte que busca e pressupõe uma visão ascética do mundo. [...] o *haikai* quase nunca tematiza o amor sexual, o transporte amoroso, o desejo carnal. O *haikai* tem uma preferência temática marcada pelo rural, pelo rústico e pela vida pobre e solitária.

O *haiku* é portador de brevidade, clareza do desenho, mágica condensação, é rico em onomatopeias, aliterações e em combinações insólitas. Nesse gênero poético não é necessário rima e título, ele nasce de um referencial da natureza. Tradicionalmente a menção da natureza é feita por *Kigo*, que é “[...] a palavra que representa uma das estações do ano” (GOGA; ODA, 1996, p. 239), ou ainda um termo ou um vocábulo associado a um elemento natural e refere-se a um acontecimento particular e momentâneo.

De acordo com Oda (1993, p. 116-117), “[o] haikai é um processo gradual de aprendizagem, onde cada haicaísta deve procurar o seu meio, ou modo, de chegar ao *momento* do haikai, que é muito íntimo, pois depende do modo de ver e sentir de cada um”.

A imigração japonesa e o *haiku* no Brasil

De acordo com Akashi (1999), a imigração japonesa iniciou no Brasil no ano 41 da Época Meiji. Os japoneses chegaram no Brasil

[...] a 18 de junho de 1908, aportou em Santos o vapor japonês *Kasato Maru*, trazendo 165 famílias num total de 781 pessoas, abaixo do contingente estabelecido de mil imigrantes em função das exigências de imigração familiar, ou seja, um mínimo de três pessoas capazes de trabalhar em cada uma das famílias aqui chegadas. (OHNO, 2008, p. 16)

De acordo com Ohno (2008), os imigrantes saíam de sua terra natal com o propósito de trabalhar por algum tempo nas plantações de café situadas em fazendas brasileiras, a fim de poupar algum dinheiro e retornar ao Japão. No entanto, não demorou muito para perceberem que o anúncio feito pelo governo japonês, não condizia com a realidade do Brasil. Os imigrantes viviam em condições péssimas de moradia e tiveram que viver em regime de mesadas, dessa forma era difícil alcançar o objetivo da poupança. O primeiro ano de Brasil para as famílias japonesas teve um resultado negativo em dois aspectos, um foi na colheita de café e o outro foi que o trabalho de um dia de três pessoas não superava a de um trabalhador rural. Segundo Ohno (2008, p. 16-17),

Apesar disso, a 28 de junho de 1910, chegaram a Santos 247 famílias japonesas, compreendendo 906 pessoas, trazidas pelo navio *Ryokun-Marui*. Como o contingente anterior, este foi destinado à região da Alta Mogiana. Entre os anos de 1912 e 1914 foi registrada no Porto de Santos a entrada de oito navios de imigrantes japoneses, trazendo 13.289 pessoas, segundo dados estatísticos.

Com o passar do tempo, para os japoneses que vieram para o Brasil, o *haiku* é uma forma de os descendentes expressarem seus sentimentos de tristeza e saudade de sua origem ou de valorizarem a beleza da terra brasileira que os acolheu. “[...] Pode-se, pois, afirmar que o desembarque do *haiku* no Brasil se deu simultaneamente com a vinda de imigrantes japoneses” (GOGA, 1988, p. 33).

Entre as pessoas que divulgaram o *haiku* no Brasil, destaca-se Nempuku Sato, que imigrou para o Brasil aos 30 anos, em 1926, quando se tornou lavrador e com outros japoneses fundou, no estado de São Paulo, a colônia japonesa *Aliança*, no município de Mirandópolis. Um dos seguidores de Sato, no Brasil, é Masuda Goga, que iniciou pesquisas sobre *haiku* em 1936. Em 1987, um grupo de brasileiros fundou, em São Paulo, o Grêmio Haicai Ipê.

Significa que a geração nipo-brasileira mantém viva a manifestação literária do *haiku*, por meio da arte cultural em suas comunidades e associações espalhadas pelo país. Tal fenômeno é perceptível na Comunidade Yuba.

O gênero poético *haiku* e a Comunidade Yuba

A Comunidade Yuba, localizada no município de Mirandópolis (SP), bairro 1ª Aliança, a 600 km de São Paulo, inicia sua história no Brasil em 1926.⁴ O fundador, Isamu Yuba (1906-1976), se instalou, em 1926, com sua família, no Bairro Formosa, e criou uma comunidade onde,

[...] pudesse integrar os valores da cultura japonesa a este novo ambiente [terras brasileiras]. Em 1933, Isamu Yuba deu início à construção da Fazenda Yuba, junto com companheiros que compartilhavam a seguinte ideologia: “Cultivar, rezar e amar as artes”.

⁴ Tal informação é encontrada em um panfleto histórico-informativo fornecido pela Comunidade Yuba.

Tendo passado por muitos obstáculos em sua caminhada, em uma ocasião chegou a falência. Mesmo assim, seus companheiros continuaram solidários e não desistiram do sonho.

Em 1961, chegaram. Hisao Ohara (escultor) e Akiko Ohara (bailarina), que trouxeram à colônia uma nova contribuição no campo das artes e da dança. Foi ela [Akiko Ohara], quem empenhou em formar a companhia de balé Yuba. (YAZAKI, 2009, p. 7)

A Comunidade interage periodicamente, em termos culturais, com o seu entorno,⁵ logo é possível afirmar que há uma estratégia clara para a manutenção de seus traços culturais entre os quais se apresenta o *Haiku*. Aliás, Isamu Yuba sempre lutou para que a comunidade não fosse vista apenas como produtiva e de subsistência, mas também como possuidora de uma tradição cultural e artística que precisa ser preservada para as gerações futuras.

Lucille Kanzawa,⁶ em maio de 2010, publica o livro *Yuba*, no qual conta a história – com palavras e fotografias – da Comunidade, como se sustenta, economicamente, pelo cultivo da terra, e o amor pela literatura e pelas artes tão preconizado pelo seu fundador.

Os membros da Comunidade Yuba, além de preservarem a língua de origem,⁷ possibilitam a todas as pessoas da comunidade e das vizinhas (1ª, 2ª e 3ª Alianças) aulas de teatro, balé e violino, assim como a proximidade com o gênero poético *haiku*. Masakatsu Yazaki⁸ revelou que a produção do *haiku*, escrita em japonês, é feita de forma assistemática e mais cotidiana do que seria no país de origem.

A Comunidade Yuba é composta por 60 pessoas e formada por 24 famílias, sendo que o mais jovem tem 2 anos e cinco meses e o mais velho tem 106 anos. Dos 60 integrantes da Comunidade, 11 pessoas praticam o *haiku*, sendo que mais de 50% são mulheres, o mais novo tem 30 anos de idade e o mais velho 80 anos.⁹

Processos de produção e de socialização do *haiku* na Comunidade Yuba

Como há a permanência da tradição literária do *haiku*, nesse tópico, evidenciaremos como se dá o processo de criação e de socialização dos *haikus* na Comunidade Yuba.

Como os haikuístas Yuba reúnem-se uma vez por mês, delinearemos apenas o encontro ocorrido em 28 de fevereiro de 2010. Embora tenhamos acompanhado várias reuniões dos poetas de *haiku*, de fevereiro de 2010 até o presente momento, entendemos que a exposição de uma amostra é o suficiente para se ter ideia de como ocorre o processo de produção e de socialização do *haiku*, que não se modifica.

⁵ Essa interação se confirma pelas duas apresentações do “Programa de Natal Yuba”, que são realizadas, sistematicamente, nos dias 25 e 30 de dezembro às 19h30 todos os anos.

⁶ Lucille Kanzawa conviveu, na infância, com os componentes da Comunidade Yuba, pois seu pai era amigo e médico da comunidade.

⁷ As crianças da Comunidade até os sete anos são alfabetizadas na língua japonesa com um professor vindo do Japão. Elas passam a ter contato com a língua portuguesa quando iniciam a formação escolar.

⁸ O Senhor Masakatsu Yazaki veio para o Brasil, em específico para a Comunidade Yuba, para exercer a função de líder cultural, tanto que é professor de língua japonesa, teatro e violino. Além disso, participa do processo de produção e socialização do *haiku*.

⁹ Esses dados foram fornecidos por Satiko Yuba, nora de Isamu Yuba, advogada, relações públicas e primeira-secretária da associação da comunidade.

Na reunião de 28 de fevereiro de 2010, o grupo é formado por dez sujeitos (nove da comunidade e um convidado externo), sendo sete mulheres e três homens, entre 30 e 95 anos. O colaborador externo é o Senhor Eizo Nizo, que reside no Bairro Formosa.

Todos os encontros são realizados no *shokudô* (Figura 1), que é um enorme galpão construído de madeira, comunitário, no qual acontecem todas as refeições conjuntas, as reuniões sociais, as festas de casamentos, as cerimônias fúnebres, ouvem-se músicas, assiste-se a filmes, programas de televisão e local em que se realizam os encontros de produção e socialização de *haiku* pelo grupo de haikuístas.



Figura 1. *Shokudô*

Todos os *haikus* produzidos são escritos em japonês, utilizando-se o *kanji* (escrita originária dos chineses e a mais complexa da língua japonesa), o *hiragana* (escrita derivada dos *kanji*, porém mais simplificada, utilizada para se escrever palavras de origem japonesa) e o *katakana* (escrita derivada do *hiragana* empregada pelos japoneses para se escrever vocábulos de origem estrangeira), assim como o processo de socialização é realizado na língua japonesa.

A seguir descreveremos as etapas percorridas pelos haikuístas durante todo o processo de produção e de socialização do *haiku*. Esclarecemos que as fases evidenciadas nos tópicos seguintes foram intituladas por nós e não pelos membros da Comunidade. A nomeação se deu levando em consideração os procedimentos empregados pelos escritores Yuba a partir de nossa observação.

Processo de produção

Na primeira etapa, intitulada como momento de produção/concepção, é lembrado o tema que fora escolhido no final da última socialização. Como as reuniões ocorrem uma vez por mês, o orientador do encontro já anuncia os temas e as palavras dos *haikus* da próxima socialização, que leva em consideração o tradicional *kigo*.

No encontro de 28/02/2010, com início às 15h30 e término às 17h30, as palavras selecionadas foram *enten* (sol, calor intenso), *hôsenka* (flor de beijinho) e *kimushi* (lagarta). Os haikuístas têm um tempo para escreverem os seus poemas. Existem aqueles que produzem o *haiku* ao longo do mês e há outros que levam seus cadernos de rascunho e terminam de produzir na hora.

No ato da produção dos *haikus*, eles trocam informações entre si, tais como o tema, o uso adequado e correto da escrita e significados dos *kanjis*. Esse auxílio, normalmente,

é dado aos mais jovens pelos membros mais velhos, que têm domínio dos *kanjis*. Quando necessário, diante da dificuldade em traduzir a palavra em *kanjis*, os criadores de *haikus* utilizam o dicionário impresso (Figura 2). Recorrem, também, ao dicionário eletrônico para auxiliá-los na tradução do *hiragana* para *kanjis* (Figura 3).



Figura 2. Dicionário e Tradutor Japonês de *Kanji* para *Hiragana* - Impresso



Figura 3. Dicionário e Tradutor Japonês de *Hiragana* para *Kanji* - Eletrônico

Escritos os *haikus* em suas folhas de rascunhos, os escritores transcrevem cada poema criado em tiras de papel, cortadas verticalmente e sem uma medida padrão, nomeadas como *tanzakus*, tanto aqueles que foram produzidos durante o intervalo do encontro anterior como os elaborados no encontro presente (Figura 4). Os *tanzakus* são depositados em uma caixa¹⁰ (Figura 5). Vale explicar que essa caixa fica exposta no *shokudô* durante o intervalo de um encontro a outro. Os haikuístas, ao produzirem os poemas, depois de copiados nos *tanzakus*, podem, a qualquer momento, depositá-los na caixa.

¹⁰ A Comunidade utiliza uma caixa de sapato, com uma abertura no centro, como se fosse uma urna, destinada ao depósito dos *tanzakus*.

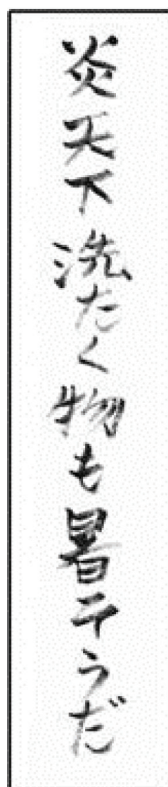


Figura 4. *Tanzaku*



Figura 5. Caixa de depósito dos *Tanzakus*

Processo de socialização

Na segunda etapa, nomeada como momento de socialização, ocorrem quatro passos distintos: *transcrição*, *revelação*, *correção* e *publicação* dos *haikus*.

Inicialmente, os haikuístas retiram os *tanzakus* da caixa e cada membro recebe aleatoriamente cerca de quatro a cinco *tanzakus*, podendo, inclusive, receber o *haiku* que produziu, e duas folhas de papel com pauta tamanho 142x205mm.

Na fase da transcrição, duas etapas acontecem. Na primeira, cada membro recebe um número que o identifica. Em uma das folhas recebidas, o sujeito coloca o número que lhe fora destinado. Nela, ele transcreve os *haikus* que foram distribuídos anteriormente. Na segunda, os *haikus* transcritos na fase anterior são repassados a todos os membros

do encontro, que leem, silenciosamente, os *haikus* e selecionam, no mínimo cinco e no máximo sete, as composições que consideraram mais bonitas e bem construídas. Não é permitida a escolha dos *haikus* de sua autoria.

Depois, inicia-se a fase da revelação coletiva. Todas as folhas em que constam os poemas selecionados pelos membros, devidamente identificados, seguem para as mãos do líder cultural, o senhor Masakatsu Yazaki, que elege alguém para fazer a leitura em voz alta das composições selecionadas. A cada *haiku* lido, o haikuísta identifica-se como autor do *haiku*. Assim, descobre-se a identidade do autor de cada *haiku* escolhido pelos membros do grupo.

Na fase de correção, o visitante externo, senhor Eizo Nizo, de 95 anos, faz comentários e correções acerca da estrutura gramatical da língua japonesa, em relação a algumas partículas utilizadas na produção textual do *haiku*, e aponta os problemas com o referido *kigo*, ou seja, a má organização das palavras escolhidas bem como as repetições. O senhor Nizo explica que não é obrigatório o *haiku* produzido conter todos os temas e palavras selecionadas. Basta ter apenas uma para que o *haiku* aconteça, viva.

Ao final da socialização, os *tanzakus*, as folhas enumeradas e identificadas, e agora já selecionadas pelo grupo, são guardadas em um saco plástico, sob a responsabilidade do senhor Masakatsu (Figura 6).

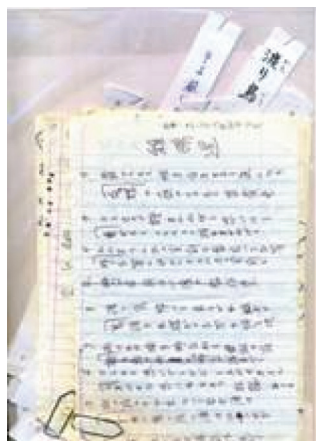


Figura 6. Invólucro do material produzido

Na quarta fase, identificada como momento de publicação, o senhor Masakatsu digitaliza toda a produção da socialização do mês e envia, por e-mail, para uma revista especializada em *haiku* no Japão. Segundo Masakatsu Yazaki, há um processo de seleção individual do *haiku* produzido pelos haikuístas Yuba feita pelo revisor do periódico, entretanto não sabe qual o critério utilizado pelo editor da revista para selecionar o *haiku* da Comunidade Yuba para publicação. A revista demora cerca de dois a quatro meses para ser publicada no Japão. Depois, é enviado um exemplar para a Comunidade Yuba no Brasil (Figura 7).



Figura 7. Revista de Haiku (2010) publicada no Japão

Para tanto, trouxemos os dois *haikus* em destaque publicados no Japão na *Revista de Haiku* nº 03, página 52, de 2010 (Figura 8),



Figura 8. Página com a publicação dos dois *Haikus* da Comunidade Yuba

e a tradução literal dos poemas, sem a preocupação de colocá-los de acordo com a estrutura formal do *haiku* (três versos com, respectivamente, 5, 7 e 5 sílabas poéticas),

feita por Masako Moriwaki,¹¹ professora de japonês, dos *haikus* produzidos pelo senhor Eizo Nizo, referente ao encontro apresentado neste artigo:

Há coelhinhos de orelhas curtas morando na horta de mamão. Mesmo que eles sejam tão pequenos, parecem donos da horta.

O peão está ajudando no trabalho do bicho (tecelagem) da seda. As calças de couro dele estão muito fora de lugar.

Considerações finais

Os haikuístas Yuba seguem à risca as quatro estações *Haru, Natsu, Aki, Fuyu* (respectivamente, primavera, verão, outono e inverno) e realizam a produção do *haiku* todo mês, completando o ciclo de quatro meses por estação.

Outro ponto a destacar é que eles selecionam palavras que servem de base para se construir o *haiku* a partir da realidade brasileira que eles vivem, mas sempre tendo em mente a referência da terra japonesa. Portanto, a partir do processo de como se dá a adaptação do *haiku* produzidos pelos Yuba no dia 28 de fevereiro de 2010, é possível arriscarmos dizer, por meio da tradução feita por Masako Moriwaki, que em alguns *haikus* aparecem palavras e/ou expressões encontradas e conhecidas somente em território brasileiro, como é o caso do vocábulo *mamão*.

Responder como se dá o processo de adaptação dos *haikus* produzidos pelos Yuba só será possível em fase mais avançada da pesquisa, quando faremos entrevista com o orientador do grupo, com o líder cultural, com a primeira-secretária da associação da comunidade e com os demais membros.

O fato de a imigração japonesa para terras brasileiras ter ocorrido há um século não interfere em nenhum momento na produção do *haiku*. Afinal, em qualquer lugar esses descendentes manterão suas raízes porque têm crença, filosofia de vida, disciplina, luta pela permanência no mundo e, fundamentalmente, sensibilidade, pois “[...] o Japão tem sido para nós uma escola [...] de sensibilidade. Ao contrário da Índia, não nos ensinou a pensar, mas a sentir” (PAZ, 1991, p. 197).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKASHI, L. N. H. *A poética do Haikai na literatura brasileira*. 1999. 170 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)- Instituto de Biociências, Letras e Ciências, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

ASSOCIAÇÃO COMUNIDADE YUBA. *Panfleto histórico-informativo*. Mirandópolis, s.d. 12 p. (Texto mimeografado)

¹¹ Masako Moriwaki é nascida na província de Nagano, no Japão. Tem 35 anos, por três anos foi professora de língua japonesa no bairro 1ªAliança, pelo programa International Partnership Project, realizado pelo governador de Nagano em 2004. Viveu durante um ano e meio na Comunidade Yuba e foi a pessoa indicada pelos *haikuístas* Yuba para fazer a tradução dos *haikus* produzidos na comunidade.

- FRANCHETTI, Paulo. Introdução. In: FRANCHETTI, Paulo; DOI, Elza Taeko; DANTAS, Luiz. (Orgs.) *Haikai*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1996. p. 18-26.
- FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão: dicionário e civilização*. Tradução de Alexandra Benicio dos Santos, Andréa Zingara Miranda, Dulcinéia Andujar, Leila Mara da Silva, Nilda Barbosa, Ricardo Antonio Saer e Teresinha Preia Garcia. São Paulo: Globo, 2008. 1464 p.
- GOGA, H. Masuda. *O haikai no Brasil*. São Paulo: Editora Oriente, 1988. 72 p.
- _____; ODA, Teruko. (Orgs.) *Natureza – berço do haikai: kigologia e antologia*. São Paulo: Diário Nippak Ltda, 1996. 267 p.
- KANZAWA, Lucille. *Yuba*. Textos de Lucille Kanzawa, Diógenes Moura, Xavier Bartaburu; tradução e revisão em inglês Peter Musson; tradução e revisão em japonês Julia Hoçoya Sasaki. São Paulo: Terra Virgem, 2010. 120 p.
- ODA, Teruko. *Nos caminhos do haikai*. São Paulo: Massao Ohno, 1993. 117 p.
- OHNO, Massao. *Centenário da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008. 224 p.
- PAZ, Octávio. Prefácio. In: SAVARY, Olga. (Org.) *O livro dos hai-kais*. São Paulo: Massao Ohno & Roswitha Kempf, 1980. p. 13-21.
- _____. *Convergências: Ensaio sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1991. p. 195-211.
- REVISTA DE HAIKU. Japão, n. 3, 2010.
- SAVARY, Olga. *O livro dos hai-kais*. São Paulo: Massao Ohno & Roswitha Kempf, 1980. 134 p.
- SUZUKI, Eico. *Literatura japonesa*. São Paulo: Editora do Escritor Ltda., 1979. 64 p.
- SUZUKI, Teiti. Prefácio. In: GOGA, H. Masuda; ODA, Teruko. (Orgs.) *Natureza – berço do haikai: kigologia e antologia*. São Paulo: Diário Nippak Ltda, 1996. p. 11.
- YAZAKI, Masakatsu. *Comunidade Yuba*. Mirandópolis, SP: Associação Comunidade Yuba, 2009. 12 p.